

## ASCENSÃO DA EXTREMA DIREITA NA EUROPA: CONSEQUÊNCIAS PARA A UNIÃO EUROPEIA

Rochely Candaten Droves  
rclestrange@hotmail.com

Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS – Porto Alegre/RS

### RESUMO

No meio do turbilhão da crise financeiro-econômica que aflige a Europa em sua totalidade, um problema político de dimensões preocupantes vem encontrando seu lugar ao sol entre os milhões de cidadãos europeus insatisfeitos com as condutas de seus governos diante das dificuldades do momento e das limitações de proteção social: os partidos de extrema direita. Esses partidos extremistas representam ameaça para a integração europeia, pois vão contra seus valores base e contra a democracia, ao tentar controlar a liberdade de expressão, agir com violência e tomar decisões sem referendos. Para mudar a situação deixada pela crise, talvez seja a hora de completar a fase última e mais ambiciosa da UE, a da União Política.

**Palavras-chave:** democracia, partidos políticos, União Política.

### ABSTRACT

*Amid the turmoil of the financial-economic crisis afflicting Europe in its entirety, a political problem of alarming proportions is finding its place in the sun among millions of Europeans dissatisfied with the conduct of their governments before the present difficulties and limitations of social protection: the extreme right parties. These extremist parties pose a threat to European integration as they go against their core values and against democracy, trying to control the freedom of speech, act with violence and take decisions without referendums. To change the situation left by the crisis, maybe it's time to complete the last and most ambitious phase of the EU, the Political Union.*

**Key-words:** *democracy, political parties, Political Union.*

### 1 INTRODUÇÃO

O presente artigo propõe uma rápida e explicativa exposição do crescimento de partidos extremistas de direita em países europeus, principalmente membros da União Europeia, e o tipo de ameaça que representam para o bloco econômico, assim como suas possíveis origens no cenário atual.

Pode-se não ter ideia, mas a democracia que serve de base e princípio fundamental do bloco econômico corre o risco de sofrer danos em um futuro próximo caso a UE não tome providencias políticas para impedir democraticamente sua proliferação. Tais partidos ameaçam a integração no momento em que são contra os valores da União, como a

diversidade, a igualdade entre Estados e o próprio processo de integração europeu.

No primeiro capítulo são apresentadas brevemente situações recentes de revoltas populares contra medidas de austeridade impostas pelos governos de esquerda a seus cidadãos, como condição para resgates financeiros de organismos internacionais, que, na maioria das vezes, irão para cofres de bancos. Logo após há pequenos trechos sobre o crescimento de partidos de direita a partir de tais revoltas, mostrando como as situações estão ligadas.

No próximo capítulo são apresentadas as consequências dessa ascensão para a integração europeia, o porquê de o assunto ser de importância para o bloco, as ameaças que eles representam para o Estado de bem-estar social vigente e a democracia.

No último capítulo é apresentada uma solução possível e, segundo autores e pesquisadores, necessária para resolver a situação da crise da Europa, e como o crescimento da extrema direita impede que este processo aconteça no futuro.

## **2 A MÃO VISÍVEL DA POLÍTICA**

Dentre as fragilidades que assolam o contexto europeu, têm-se dificuldades econômicas, problemas relacionados à imigração e ao multiculturalismo, preocupação com a segurança do continente e a prevenção contra ataques terroristas.

Em 2008, quando estourou a crise financeira mundial e a crise na Grécia, e consequentemente a crise no resto da Europa, essa intensificou as fragilidades citadas e despertou outros efeitos que futuramente seriam preocupantes para a União Europeia. Apesar dos problemas econômicos terem sido aqueles primeiramente debatidos e priorizados, um efeito muito preocupante e menos observado é de origem política: a ira do povo.

### **2.2 A IRA DO POVO**

Em março de 2009 três quartos da população em toda a França começaram manifestações para protestar contra a política do presidente Nicolas Sarkozy frente à crise econômica. Tal protesto refletia desde então o clima de desilusão com as promessas de

reforma do governo. A crise econômica, que deixou mais de 2 milhões de desempregados na França, foi acompanhada de cortes no orçamento público e aumento do déficit orçamentário devido ao resgate financeiro de bancos e montadoras automotivas por parte do governo, que se negava a dar ouvidos às reivindicações de sindicatos e ao povo. No final de 2012, a população em massa foi novamente às ruas protestar contra o pacto fiscal da União Europeia que estava em processo de ratificação pelos governantes e que previa limites para o endividamento dos Estados europeus. Em 2012, nas eleições presidenciais, a candidata Marine Le Pen, do partido Frente Nacional, de cunho extremista-direitista, alcançou o inédito terceiro lugar no primeiro turno, conseguindo 6,4 milhões de votos, cerca de 18% do eleitorado francês.

Em novembro de 2012, cerca de 100 mil gregos agitaram bandeiras e cantaram "Lutem! Eles estão bebendo nosso sangue" na praça em frente ao Parlamento grego. Grupos de manifestantes lançaram bombas e coquetéis incendiários contra agentes do governo. Trabalhadores também iniciaram uma greve geral de 48 horas convocada pelos dois principais sindicatos do país para protestar contra o projeto. Os serviços públicos foram suspensos e os transportes paralisados. O motivo era protestar contra a aprovação de novo pacote de austeridade para o país em troca de mais um resgate financeiro internacional. *Em junho de 2012*, após terceiro plano de "salvação" financeira, prevendo a recapitalização do setor bancário grego, as novas eleições legislativas no país permitiram a entrada do partido neonazista 'Aurora Dourada' no Parlamento (quase 7% dos votos).

Na Hungria, em maio de 2012, cerca de 30 mil pessoas de toda a Europa andaram pelo centro de Budapeste em protesto contra as medidas de austeridade fiscal, em manifestação organizada pela Confederação Europeia dos Sindicatos. Manifestantes sopravam cornetas e gritavam frases como "Nós queremos empregos! Criem, não cortem (empregos)!". Em 2010, o Jobbik, partido extremista da Hungria, tornou-se o terceiro maior do país, depois de ter dado um salto de posição pós-crise econômica. Embora o Jobbik já estivesse ativo desde antes da crise, "ele se alimenta em parte do descontentamento pela estropiada economia húngara." (BLANCO, 2012). E o partido no poder, Fidesz, também de cunho extremista, está inspirado pela nostalgia de uma grande Hungria nacionalista, e não pelos valores da União Europeia, à qual o seu país aderiu em 2004.

Em 2008, o setor de exportação da Finlândia representava 46,9% do PIB, caindo para 39,1% em 2011 e chegando a 37,8% em 2012. Os impostos aumentaram como reflexo. As

taxações sobre a renda são altas e complexas, variando de 0% para quem ganha abaixo de 15,2 mil euros por ano a 30% para quem recebe mais de 66,4 mil euros. Em 2011, o partido de extrema direita ‘Verdadeiros Finlandeses’ foi um dos grandes vencedores das eleições, obtendo 19% dos votos, quando em 2007 tinha tido apenas 4%, ganhando 39 lugares no Parlamento nacional, o quádruplo em relação às eleições anteriores.

Em julho de 2011 a população norueguesa vivenciou atos de extrema violência empreendidos em dois locais diferentes do país. O primeiro desses foi destinado à sede do Governo Norueguês, em Oslo, enquanto o segundo aconteceu na Ilha de Utoya, contra jovens do Partido Trabalhista que lá se reuniam. O autor desses atos, um cidadão norueguês, nascido e criado no país e militante de movimentos extremistas, causou aproximadamente 76 óbitos e deixou pelo menos 97 feridos, ato que não encontra antecedentes na história da Noruega, considerado um dos países da Europa com maior qualidade de vida e distribuição de renda. As justificativas dadas pelo criminoso foram de uma Europa que estaria ameaçada pelo multiculturalismo político, ou seja, a convivência entre diferentes culturas, e principalmente entre europeus islâmicos, o que poderia deformar ou ainda subjugar a cultura europeia. Em 2009, durante a campanha para as eleições legislativas, o Partido do Progresso (de extrema direita, antigo partido do autor dos atos na Noruega) se tornou a segunda maior força política do país.

Esses foram exemplos de níveis de insatisfação popular nos países Europeus, que só tem se intensificado. Todos eles estão diretamente ligados e foram seguidos por um problema preocupante e crescente para a democracia e para a integração na UE: a ascensão da extrema direita no continente.

### **3 A REAL AMEAÇA**

Como se pode perceber, os atos de revolta das populações europeias estão sendo acompanhados pelo aumento de representação política de partidos extremistas.

O duplo atentado na Noruega, assim como os outros exemplos de protestos contra governos em outros países da Europa, despertou atenção para esse movimento político que vem ganhando força e forma no continente: a difusão dos ideais de extrema direita, que

contestam o regime democrático liberal vigente. Este fortalecimento geralmente vem acompanhado de valores xenófobos e nacionalistas, o que dificulta a manutenção e possível maior integração da União Europeia e seus ideais no futuro.

Partidos de extrema direita, quando não eleitos, estão praticamente dominando as eleições. O partido do militante norueguês, nas eleições de 2009, conquistou 614 mil votos (23% do total), o que demonstra a significância desta corrente no país. Apesar do caso Norueguês, esta ascensão também encontra solo fértil em situações nas quais as demandas populares não são correspondidas, como no caso de crise econômica e da consequente crise social advinda das políticas de austeridade, como já demonstrado.

A crescente insatisfação das populações dos países da Europa com a crise e as consequentes medidas de austeridade adotadas por seus governos está implantando no povo pensamentos nacionalistas, de que se deve proteger sua economia, sua cultura, prevenindo e expulsando imigrantes de seus países, a fim de não ter que sustentá-los e poder ofertar as poucas vagas de emprego disponíveis aos cidadãos nacionais.

O aumento da desigualdade social e do desemprego, as principais consequências visíveis do desmonte social e das políticas de privatização das últimas décadas, contribuiu para produzir um antigo fenômeno social: o aumento do racismo e da xenofobia. Em períodos marcados pela recessão e pela ausência de movimentos e utopias revolucionários, abre-se o espaço para a interpretação simplista e populista da realidade, que culpa os estrangeiros pelos problemas sociais. A ausência de alternativas políticas e o consequente sentimento de impotência e desesperança social é um terreno fértil para o aumento da xenofobia. No atual cenário, o processo de “mundialização” do capital contribuiu para a reafirmação de estratégias de organização política com caráter nacionalista. A perda de identidade cultural, decorrente de uma crescente homogeneização da oferta de mercadorias, línguas e moedas, reforça o sentimento de nostalgia da população em relação ao período da Guerra Fria, que permitiu a construção do Estado de bem-estar social no ocidente europeu. Nesse contexto, ao invés de buscar compreender os problemas sociais de forma histórica e estrutural, a tendência é identificar um “bode expiatório”, um culpado pela situação (ANDRIOLI, 2009).

Isso deixa à direita populista o campo livre para recuperar as frustrações de um eleitorado que se sente maltratado – essencialmente a classe média, que, desde o começo dos anos 1990, está perdendo em relação aos mais ricos. (NILSEN, 2012).

Segundo Mureike Kleine (2011), do European Institute, há um novo vagalhão de

partidos de extrema-direita na Europa.

Há dez anos, o problema existia em países como a Áustria. Mas agora a extrema-direita está se instalando em países onde esse fenômeno não ocorria. A crise financeira agravou o problema da Previdência Social, e agora governos precisam mudar seus sistemas com maior rapidez que em outros tempos. Isso cria sociedades de vencedores e perdedores e, por tabela, surge um potencial maior para se elegerem partidos populistas. [...] Todas essas agremiações, entre outras, são contra o euro e a União Europeia, e fazem campanha contra refugiados e a imigração, mesmo aquela de países do Leste Europeu.

E é neste estágio que entra a ligação entre esses partidos e a União Europeia e o porquê esta situação deveria ser uma preocupação constante do bloco. A UE representa multiculturalismo, solidariedade com o próximo, união na diversidade, e é exatamente isso que os partidos extremistas querem evitar e lutar contra, assim como seus adeptos. Sendo contra esses valores, eles são contra a UE.

Para Berlinck (2012), é aí que se vê “uma verdadeira ameaça para a União Europeia, pois mesmo que se compreendam os votos dos eleitores numa situação de crise, não se deve esquecer que o nacionalismo, na Europa, não trouxe nada de bom.” O passado nacionalista dos países da Europa não possui nada de admirador, com a exceção de crescimento econômico, trágico e com tempo de duração limitado. Ideologias à parte, o correto a afirmar é que a União Europeia poderá ser abalada em sua união com a proliferação de partidos extremistas; por exemplo, caso um país não se contente com as políticas do outro, com o jeito do outro conduzir a democracia, e queira não mais fazer parte de um bloco político que beneficie um país com o qual não está de acordo com as normas que considera certa, esse país pode cortar ou limitar relações.

E quanto ao projeto de ampliação da UE a caminho de uma União Política há décadas idealizada? Corolário indispensável da união monetária e fiscal, a união política evocada pelos dirigentes europeus e pela Constituição que os acompanha não será legítima, a menos que seja adotada de forma democrática. Para isso, deveria passar por uma consulta pan-europeia. Sem o apoio de todos os países membros, isso jamais acontecerá. Esse apoio está mais longe do que nunca. Para dar o passo para união política, há que haver cooperação de

todos os membros. Porém, com o crescimento da extrema-direita, isso será difícilimo.

Assim percebe-se que, ainda que seja uma parcela reduzida, estes grupos extremistas vêm gerando consequências na Europa, estas por vezes nefastas como no incidente da Noruega, uma vez que seu executor justificou sua ação em ideais de extrema direita.

#### 4 EUROTOPIA

O Ato na Noruega poderia ser um evento isolado de um fanático ultranacionalista, mas o mesmo não se pode dizer sobre o crescimento de partidos do tipo. De fato, a extrema-direita começa a chegar a resultados eleitorais preocupantes e a ocupar lugares importantes em governos e parlamentos. E eles estão apenas começando, pois seu eleitorado vem crescendo a cada ano.

A ascensão da extrema direita é um problema sério a ser resolvido pela União Europeia, pois esses partidos são extremamente antieuropeus, ultranacionalistas, anticosmopolitas, contra todos os valores nos quais se sustenta a UE. Veem Bruxelas como uma entidade que solapa a soberania nacional. O Jobbik inclusive pediu, em 2012, que a Hungria abandonasse a União Europeia. (BLANCO, 2012).

Qual então seriam as vias possíveis para o controle desse perigo para a união na diversidade? Para Jon Veia (2012), embaixador da Noruega em Angola, “uma das vias para travar a onda da extrema-direita na Europa e defender os valores democráticos é fazer com que os jovens criem e concretizem as suas expectativas e objetivos, através da oferta de trabalho.”

Para Norocel (2010), o debate político precisa ser centrado "na solidariedade e na igualdade, não apenas em ganhos econômicos. Caso contrário, os populistas da extrema direita vão explorar o medo e a incerteza das pessoas para piorar o clima político e social na Europa, e isso pode ter efeitos negativos em todo o planeta.”

Mas quais os caminhos para aumentar as ofertas de trabalho e a igualdade, após cinco anos de dívidas e resgates que não deram certo na Europa?

Segundo Huybrechts (2012), a Europa enfrenta três problemas gigantescos que se resumem à liquidez, solvabilidade e legitimidade. O problema de liquidez explica-se pelo fato

de a Grécia, a Espanha, a Itália, Portugal e a Irlanda estarem cada vez mais à deriva. Deve-se garantir que estes Estados sejam capazes de cumprir as suas obrigações financeiras. No entanto, eles possuem uma dívida de tal forma elevada que ninguém está disposto a emprestar fundos sem impor condições insustentáveis. Esta perda de solvabilidade constitui o segundo problema. Enquanto não se encontrar uma solução para este problema, o setor financeiro europeu estará virtualmente falido.

O crescimento econômico poderia, obviamente, ajudar a melhorar a situação e criar uma ligeira inflação, mas exige certa confiança. A confiança no futuro, um sentimento que, de forma geral, todos os europeus tinham desde a Segunda Guerra Mundial. Para restabelecer esta confiança e para incentivar as populações a trabalhar mais e ganhar menos, os políticos europeus precisam agir com legitimidade. Estes devem dispor de um mandato democrático, que possa ser renovado a cada cinco anos. E devem receber esse mandato de toda a zona euro. Portanto, a União Europeia, ou pelo menos a zona euro, deve tornar-se uma união política (HUYBRECHTS, 2012). Esta união teria o poder de decisão no que diz respeito a todos os orçamentos de todas as administrações públicas subjacentes, porém os países e as regiões continuariam a ter a liberdade de cobrar impostos ou aumentar as prestações sociais. Estar-se-ia perante uma verdadeira reforma dos poderes políticos. Desta forma, países não precisariam impor condições de austeridade draconianas para empréstimos de fundos, pois a falência de um Estado levaria a falência de todos, assim como a prosperidade. Todos estariam, por assim dizer, no mesmo barco. Se Estados cederem mais soberania às instituições europeias, essas teriam, finalmente, a legitimidade necessária para imporem a disciplina orçamental que garantirá um sistema financeiro estável.

Como lembra o historiador e economista Pierre-Cyrille Hautcoeur (2012), da Escola de Economia de Paris,

[...] numa união monetária, a boa resposta à crise exige coordenação dos governos. Isso está mais difícil não apenas pelas divergências de pontos de vista dos líderes, mas também pelo fato de que alguns estão adotando um discurso antieuropeu “para se proteger contra seus próprios erros”.

Para Grant (2012), os populistas e extremos do espectro político vão tornar a



integração europeia mais difícil, pois a crise está fazendo aumentar a pressão para a “desintegração” europeia. O objetivo é o seguinte: reforçar uma democracia dos cidadãos num Estado Providência e deixar a via de uma *democracia de fachada que se conforma aos mercados*. Porque, num mundo globalizado, o regresso aos Estados-Nação não é uma opção. Renunciar à união da Europa seria retirar-se da história do mundo. (HABERMAS, 2012).

Esta seria uma concretização de um objetivo de longo prazo da UE, que a transformaria em uma verdadeira federação, com um governo central que pudesse tomar decisões de cunho político e orçamentário para todos os membros, incluindo distribuição e transferência de fundos. Uma construção apoiada em valores como a democracia para eleger seus governantes e igualdade<sup>1</sup>. Com governos de extrema direita representando países-membros, ultranacionalistas e contrários a tudo que é Europeu, isso jamais acontecerá.

Um exemplo melhor foi em dezembro de 2011, quando o partido em poder na Hungria, o Fidesz, aprovou uma lei que coloca a rádio, a imprensa escrita e os órgãos de informação na rede sob a supervisão de uma nova autoridade, com poderes para aplicar grandes multas por crimes mal definidos como a violação da "dignidade humana", cujos membros foram nomeados pelo próprio Fidesz. Uma clara violação de um valor fundamental da pessoa humana e da UE<sup>2</sup>, que pretende ser, sobretudo, uma comunidade unida pelos valores democráticos. Não basta aplicar a solidariedade às questões de dinheiro e de economia: é igualmente necessário considerar o bem-estar democrático dos povos. Porque uma coisa é certa: com tais leis, a Hungria nunca teria sido aceita na UE. Enquanto Estado-membro, no entanto, tudo se perdoa ao seu Governo. O problema? Não existem mecanismos para travar o déficit democrático nos países-membros.

Segundo Ebels (2012), os países europeus são demasiado pequenos para resolver as questões internacionais e demasiado grandes para as da vida quotidiana. Se a UE fosse considerada um país, seria o sétimo na lista dos maiores países e terceiro em tamanho da população. Tudo o que tem uma função tem um tamanho ideal. O Estado social europeu tem várias funções. Precisa proteger o seu território em relação ao exterior, defender o Estado de direito, prestar cuidados de saúde, promover a educação, cuidar das estradas e das florestas e – em maior ou menor grau – distribuir a riqueza. O problema é que cada uma dessas funções tem o seu tamanho ideal e que, num mundo em permanente mudança, continuam a divergir.

---

<sup>1</sup> Atualmente os governantes da União Europeia são nomeados pelos Parlametos dos Estados-membros, e não diretamente pela população, o que diminui a transparência e dificulta a confiança dos cidadãos. A votação direta para tais dirigentes seria um avanço político para a melhoria da credibilidade da União, uma que a população aceitaria com vontade, por saber quem os está representando em maior âmbito.

<sup>2</sup> A carta dos direitos fundamentais da UE declara que "a liberdade e o pluralismo dos órgãos de informação deve ser respeitada".

O resultado não é o Estado deixar de funcionar – apenas deixa de funcionar bem. É uma tendência que irá manter-se, enquanto a tecnologia continuar a evoluir. Até chegar o dia – ou será que já chegou? – em que os Estados europeus atuais vão ser contraproducentes, criando obstáculos desnecessários entre Bruxelas e, por exemplo, Barcelona.

Os europeus cresceram tão acostumados à atual divisão do continente que qualquer sugestão para mudar recebe um sorriso complacente – na melhor das hipóteses. Mas é assim tão disparatado? Ter-se-ia um pequeno governo federal, eleito diretamente, e inúmeros governos locais, de Estados de tamanho similar – não muito diferentes dos EUA. Poder-se-ia assumir uma posição conjunta no cenário global e, ao mesmo tempo, decidir a nível local se devem ser autorizadas as touradas ou o consumo de marijuana. Muitos dos problemas atuais desapareceriam: criaria um equilíbrio entre os Estados grandes e os menores, o Norte teria que apoiar financeiramente o Sul. Essa ideia foi chamada de "Eurotopia" – uma fusão de Europa e utopia, proposta com a consciência do ceticismo que ia suscitar. Mas tempos radicais impõem medidas radicais. E perante o caminho que tudo leva, é melhor a utopia do que a distopia (EBELS, 2012).

## 5 CONCLUSÃO

O presente artigo propôs uma rápida avaliação do crescimento de partidos de extrema direita nos países europeus, principalmente aqueles membros da União Europeia. Viu-se que as consequências acarretadas pela crise econômica que assola o continente, como desemprego, cortes e estagnação, geraram revoltas nas populações, que saíram às ruas em seus países para protestar contra a austeridade e a ingerência de organismos internacionais, assim como a má gestão de seus governantes, quem acreditam não estar do lado do povo, e sim dos bancos privados, têm levado o povo europeu a dar credibilidade e votos para representantes de partidos extremistas de direita.

Assim, com o crescimento de tais partidos, que pregam o ultranacionalismo e são contra o projeto de integração europeu, a União se encontra em perigo. Uma das soluções possíveis para a diminuição dos endividamentos em longo prazo, a União Política, só seria possível com um debate extenso sobre o assunto, tanto entre os governos, como principalmente, entre esses e seus cidadãos.

Para que este projeto encontre-se sob alguma luz, a democracia nos países europeus

tem de estar intacta e zelada como seu bem mais precioso. No entanto, com partidos extremistas cada vez mais fortes, esse valor está em risco, assim como um debate futuro sobre o assunto da União Política. Para uma reforma de tal magnitude acontecer, é preciso antes que os cidadãos europeus comecem a confiar nas instituições europeias. Com eleições diretas para a Comissão, Banco Central Europeu e Conselho, haveria um aumento de transparência, no momento em que os cidadãos saberiam em quem estão votando, quem estão colocando no poder, ao invés de deixar isso nas mãos dos Parlamentos nacionais.

A Europa do jeito que está é muito pequena para representar o gigante de sua idealização. Unidos na adversidade, mais do que nunca, deveria ser a nova forma europeia de encarar o futuro próximo.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ANDRIOLI, Antônio Inácio. **O neonazismo ronda a Europa**. Espaço Acadêmico, nº 97, 2009. Disponível em <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/viewFile/7170/4133>. Acesso em: 13 de abr. 2013.

BERLINCK, Deborah. Ascensão do extremismo põe em risco integração da Europa. O Globo Mundo On-line, 2012. Disponível em <http://oglobo.globo.com/mundo/ascensao-do-extremismo-poe-em-risco-integracao-da-europa-4738928#ixzz2IvDzdUKP>. Acesso em: 12 de abr. 2013.

BLANCO, Silvia. **A ascensão do extremismo**: uma ameaça que se propaga pela Europa. UOL Notícias, Madri, 2012. Disponível em <http://m.noticias.uol.com.br/midiaglobal/elpais/2012/10/27/a-ascensao-do-extremismo-uma-ameaca-que-se-propaga-pela-europa.htm>. Acesso em: 20 de abr. 2013.

EBELS, Philip. **Pelos estados unidos repartidos da Europa**. EUOBSERVER.COM, 2012. Disponível em <http://www.presseurop.eu/pt/content/article/2490051-pelos-estados-unidos-repartidos-da-europa>. Acesso em: 13 de abr. 2013.

FERNANDINO, Gabriel Campos; FERNANDES, Jéssica Silva. **O Acidente na Noruega e a ascensão dos movimentos de extrema direita**. *Conjuntura Internacional*, Minas Gerais, p. 1-5, 2011.

GRANT, Charles. In: BERLINCK, Deborah. Ascensão do extremismo põe em risco integração da Europa. O Globo Mundo On-line, 2012. Disponível em <http://oglobo.globo.com/mundo/ascensao-do-extremismo-poe-em-risco-integracao-da-europa-4738928#ixzz2IvDzdUKP>. Acesso em: 12 de abr. 2013.

GRIGORIOU, Panagiotis. **Era uma vez em Atenas**. Le Monde Diplomatique, 2013. Disponível em <http://www.diplomatique.org.br/artigo.php?id=1359>. Acesso em: 02 de maio, 2013.

HABERMAS, Jurgen. In: HUYBRECHTS, Paul. **Em defesa de um referendo europeu**. De Morgen, 2012. Disponível em <http://www.presseurop.eu/pt/content/article/2565111-em-defesa-de-um-referendo-europeu>. Acesso em: 02 de abr. 2013.

HAUTCOEUR, Pierre-Cyrille. In: BERLINCK, Deborah. Ascensão do extremismo põe em risco integração da Europa. O Globo Mundo On-line, 2012. Disponível em

<<http://oglobo.globo.com/mundo/ascensao-do-extremismo-poe-em-risco-integracao-da-europa-4738928#ixzz2IvDzdUKP>>. Acesso em: 12 de abr. 2013.

HELLE, Lars. **Dignidade é a resposta ao terror**. Dagbladet, Oslo, 2011. Disponível em <<http://www.presseurop.eu/pt/content/article/794171-dignidade-e-resposta-ao-terror>>. Acesso em: 15 de abr. 2013.

HUYBRECHTS, Paul. **Em defesa de um referendo europeu**. De Morgen, 2012. Disponível em <<http://www.presseurop.eu/pt/content/article/2565111-em-defesa-de-um-referendo-europeu>>. Acesso em: 02 de abr. 2013.

KLEINE, Mureike. In: CARTA, Gianni. **Na União Europeia, a indignação fermenta**. Carta Capital, 2011. Disponível em <<http://www.cartacapital.com.br/internacional/na-uniao-europeia-a-indignacao-fermenta/>>. Acesso em: 10 de abr. 2013.

NILSEN, Rémi. **A direita e os imigrantes**. Le Monde Diplomatique On-line, 2012. Disponível em <<http://www.diplomatique.org.br/artigo.php?id=1207>>. Acesso em: 20 abr. 2013.

NOROCEL, Cristian. In: FAGUNDES, Renan Dissenha. **A escalada da extrema direita na Europa**. Época On-line, 2010. Disponível em <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI181892-15227,00-A+ESCALADA+DA+EXTREMA+DIREITA+NA+EUROPA.html>>. Acesso em: 10 abr. 2013.

VEA, Jon. **Problemas económicos favorecem extrema-direita na Europa**. Agência AngolaPress Internacional, 2012. Disponível em <[http://www.portalangop.co.ao/motix/pt\\_pt/noticias/internacional/2012/4/19/Problemas-economicos-favorecem-extrema-direita-Europa-diz-embaxador-Angola,0e8be0c1-785c-41da-bbab-25eb557cf7a9.html](http://www.portalangop.co.ao/motix/pt_pt/noticias/internacional/2012/4/19/Problemas-economicos-favorecem-extrema-direita-Europa-diz-embaxador-Angola,0e8be0c1-785c-41da-bbab-25eb557cf7a9.html)>. Acesso em: 10 abr. 2013.